COMPENDIUM

—

CODIGO DOS JESUITAS

—

COMPLEMENTO INDISPENSAVEL

ÁS OBRAS DE

MICHELET E QUINET

TRADUZIDO DO FRANCEZ

A' VENDA

LIVRARIA DE J. DE SERPA PINTO. —
RUA DE S. JOSÉ N. 119.

RIO DE JANEIRO.

COMPENDIUM

CODIGO DOS JESUITAS

COMPLEMENTO INDISPENSAVEL
ÁS OBRAS DE

MICHELET E QUINET

TRADUZIDO DO FRANCEZ

Si l'autorité declare que ce qui vous semble blanc est noir, affirmez que cela est noir.

ST. IGNACIO DE LOYOLA.

Le jesuitisme est une épée dont la poignée est à Rome et la pointe partout.

GENERAL FOY

A' VENDA

Na livraria de J. de Serpa Pinto.
119 Rua de S. José. 119
1872.

Typ. de J. Lobo Vianna, rua
d'Ajuda n. 79.

—

1872.

ADVERTENCIA DO TRADUCTOR

Demo-nos a este trabalho unicanemte com um fim, é elle o desejo de fazer conhecer os vicios e crimes de uma corporação, que se acha em guerra com a liberdade e que solapadamente vai minando um edificio que tanto sangue e sacrificios custou; bem sabemos que a tentativa jesuitica hade ser infructuosa, que a projectada *reacção exagerada* se não conseguirá, mas para que não sejam surprehendidos alguns incautos é que emprehendemos esta tarefa, que, se não inteiramente, ao menos em parte satisfará ao nosso intento.

PREFACIO DA QUINTA EDICÇÃO

As tres primeiras edicções deste livro esgotaram-se em tão pouco tempo, que nos não foi possivel fazer-lhe alguma alteração; hoje em resposta aos nossos adversarios addicionamos-lhe novas provas, e augmentamos o numero das nossas citações.

Os acontecimentos da Suissa mostram-nos os jesuitas excitando a guerra civil; a sua tunica negra tem sido manchada com sangue; porém do mesmo modo que em outros tempos o sangue não se descobre, porque se confunde com o dos protestantes e dos homens do novo mundo. O successo de Affnaër provou as riquezas dos jesuitas, a sua avareza e a sua má fé.

Este livro, completo hoje, é a condemnação dos jesuitas feita por elles proprios. E' a resposta aos jornaes jesuiticos que tão cobardemente nos atacaram.

Louvores sejam dados aos jesuitas! Nós dormiamos e elles acordaram-nos violentamente;

por causa delles a Europa inteira caminha para a conquista das ideias democratas. A reacção da tyrannia produz sempre a LIBERDADE.

Em 1833 os jesuitas fizeram dizer ao papa: *que era um absurdo conceder ao povo a liberdade da consciencia...*

O cardeal Albani organisou os bandos que decimaram a Italia, e dictou este juramento impio: — « *Juro elevar o throno e o altar sobre* « *as ossadas dos infames liberaes, e exterminal-os sem piedade dos gritos das crianças e* « *lagrimas das mulheres e dos velhos.* »

Na Helvecia são os jesuitas as unicas causas da guerra civil. O santo padre aconselhou-lhes que abandonassem a Suissa, mas isso não convinha aos reverendos padres, empenharam um primeiro combate. Bem! oxalá que o sangue vertido caia sobre as suas cabeças; elles mereceram a maldição dos povos, praza aos ceos, que succumbam debaixo do peso da de Deus!

OS JESUITAS

DESDE 1541 ATÉ OS NOSSOS DIAS.

I.

Debalde interrogamos o passado, quando contemplamos os jesuitas perseguidos a tres seculos pelas maldições dos povos e pelos decretos dos reis e dos papas para nos assegurarmos de que não tem sido victimas de uma injustiça. Ha por ventura infallibilidade humana? Não tem povos inteiros soffrido perseguições infames, não foram os Hebreus tantas vezes condemnados? E ha dezoito seculos tem-lhes os homens poupado a injustiça, a injuria e as maldições? Onde está a justiça? Onde a equidade?.....

Quem nos póde assegurar que os jesuitas á semelhança dos Templarios não foram victimas? As suas doutrinas não tinham sido condemnadas, é verdade, pelos papas e pelos reis, mas não foi um papa, quem condemnou Gallileu? não foi um papa quem condemnou Fenelon e Bossuet? porém a posteridade annulou as leis iniquas, mas sanccionou todos os julgamentos

que cahiram sobre os jesuitas, e pede ainda a execução da sentença pronunciada contra os membros da companhia de Jesus em 1773 pelo papa Clemente XIV *morto com veneno* !.....

Tracemos rapidamente a historia dos jesuitas. Desçamos ao sepulchro abranqueado, onde Loyola enterrou as doutrinas, que deviam fazer do homem e da intelligencia um *cadaver*.

Um gentil-homem espanhol chamado Ignacio de Loyola foi o fundador e legislador dos jesuitas; este homem rigido fanatico, e que tinha uma vontade forte e poderosa, fundou uma seita no meio do catholicismo, então abalado pela estrondosa apostasia de Luthero; e cobriu as suas orgulhosas ideias com o habito do frade e com a capa do mendicante, foi ridiculo mas ia ser terrivel. Em Hespanha já tinha apparecido um tribunal, que pretendia matar o corpo com o pretexto de salvar a alma, Ignacio matou a alma e despresou o corpo; assim em duas extremidades do mundo em Hespanha e nas Indias haviam duas sociedades, que malavam os corpos: os *Inquisidores* e os *Estranguladores*; a *Companhia de Jesus* callocou-se entre estas duas sociedades.

Jesus Christo tinha creado a vida e a luz, Ignacio de Loyola creou a morte; a morte da alma e da intelligencia, a morte do amor e da caridade, a morte de tudo que é grande, de tudo que é nobre, de tudo que é generoso!

Loyola foi o creador e o unico homem de genio da companhia de Jesus, homem de ardor e paixões, homem de odio e perseverança; elle soube abafar para os seus discipulos nas suas *instituições* a poesia e o enthusiasmo, o genio e as paixões humanas. Entre os jesuitas não ha nunca mais do que um homem, o *geral*! Os seus inferiores são instrumentos passivos; Loyola no leito da morte prescreveu a obediencia cega, *obedientia cæca*. As suas *instituições* que á primeira vista apresentam o aspecto de um monumento, são minuciosas; ao lê-las bem se vê que deviam produzir casuistas; velhacos e malvados, que deviam enganar as almas timidas e honestas; este codigo apenas tem uma baze—*a vigilancia mutua e o desprezo da natureza humana*.

« O superior, diz M Michelet, está cercado
« pelos seus consultores, os professos, os novi-
« ços, os estudantes pelos seus confrades ou
« companheiros, que podem e devem denun-

« cia-los. Até a respeito dos membros os mais « graves e mais experimentados se tomam pre- « cauções vergonhosas. »

Dos seminarios é proscripta a amizade; sómente é permittido passearem sós ou tres a tres; os jesuitas sabem que diante de um terceiro se não estabelece intimidade; este terceiro é pois um espião; estando tres jesuitas, lá está um traidor!

É estabelecido nas celebres *instituições*, que quando fallarem com alguem tenham os olhos no chão, e que nunca façam rugas no nariz, nem na testa.

Demais, as constituições formam confessores com certa tactica propria para dirigirem as almas a seu modo.

Nas mãos de Loyola o espirito do livre arbitrio converteu-se em um cadaver, *perinde ac cadaver*. Os seus successores organisam a moral escolastica ou casuistica, que emprega sempre um *distingo*, um *nisi*: ESTA ARTE DE ENRUDILHAR COM A MORAL FOI A FORÇA PRINCIPAL DA SUA SOCIEDADE; O ATTRACTIVO PODEROSISSIMO DO SEU CONFESSIONARIO REDUZIO A MULTIDÃO, a predica foi SEVERA, a direcção INDULGENTE. Ali se

concluiram singulares ajustes entre a consciencia doente dos grandes deste mundo e a direcção toda politica da sociedade.

A companhia de Jesus, nascida no momento da grande revolta de Luthero, combateu com valentia o reformador do XVI seculo, e o papa aproveitou-se dos serviços destes auxiliares sem curar muito de os conhecer. Os jesuitas cresceram á sombra da thiara, que um dia deviam dominar. Em 1547 Bobadilla foi expulso da Allemanha por causa das suas doutrinas sediciosas. Os cumplices de Carlos IX e de Catharina de Medicis tomaram os jesuitas por seus conselheiros e reuniram-se no seu covil na horrivel noite de S. Bartholomeu. Francisco Borgia era então geral dos jesuitas. Em 1568 tentaram abrir uma escola em Paris. A universidade era forte e poderosa, oppôz-se aos progressos dos filhos de Loyola, cujo chefe em França era então Odon Pigenat, furioso partidista da liga, ao qual Arnaud chamou fanatico, e o historiador De Thou estigmatisou com o epitheto de tigre. Em 1570 Elisabeth expulsou os jesuitas de Inglaterra, e em 1578 foram-o igualmente de Anvers. No reinado de Henrique III prégaram a

revolta, fizeram-se monopolistas, causaram carestia em Paris, aguçando ao mesmo tempo os punhaes de Jacques Clemente e de Chatel. Em 1593 o jesuita Varade armou contra Henrique IV o braço do assassino Barierre; em 1594 João Chatel tentou assassinar Henrique IV; foi seu cumplice o padre Guignard, que foi enforcado por este crime em 7 de Julho de 1596. O papa Clemente VIII arguio os jesuitas de perturbarem a igreja. Em 1593 elles fizeram assassinar Mauricio de Nassau e são expulsos da Hollanda. Um edicto de Henrique IV expulsou os jesuitas; rojaram-se então aos pés do monarcha francez, e este tacitamente lhe permittio que entrassem na França. O vencedor da liga, o rei que sonhou a monarchia universal, teve medo destes homens, que, disse elle, «*tem relações por toda a parte e grande dexteridade para disporem os espiritos como lhes apraz*». Em 1604 o cardeal Borromeu expulsou-os do collegio de Breda; em 1605 os jesuitas Garnet e Oldecorn foram enforcados em Londres como autores da conspiração das *polvoras;* em 1606 foram expulsos de Veneza; em 1610 Ravaillac assassinou Henrique IV, e o je-

suita Marianna, no seu livro *de Regé*, fez a apologia do regicidio.

Sigamos esta famosa sociedade; não é facil perdermos-lhe a pista, porque deixa apoz ella um rasto de cadaveres de reis. Em 1618 os jesuitas são expulsos da Bohemia; em 1619 da Moravia, em 1621 da Polonia. Em 1641 elles acenderam a grande questão do *Jansenismo*; em 1643 foram expulsos de Malta; em 1646 fizeram uma banca-rota em Sevilha, onde commerciavam. Depois de terem tido por adversarios os homens de genio da sua época, depois de terem sido combatidos por Arnaud e De Thou, cahiram finalmente debaixo do latego de Pascal; as *Cartas provinciaes* fazem-lhes justiça, e se Port-Royal se abateu com seus golpes, a voz eloquente de Bossuet estalou sobre suas cabeças, e pela declaração de 1682 todo o clero da França os repellio com indignação e desprezo.

Porém, seguindo a sua vereda subterranea, levantaram de novo a cabeça; e, apoiados por madame de Maintenon e pelo padre Lachaise, que dispunha do espirito da viuva de Scarron e que morreu cedendo o seu poder ao padre La-

tellier, os jesuitas chegam a dominar Luiz XIV. O edicto de Nantes, salvaguarda dos protestantes, é indignamente revogado; os jesuitas profanam o cemiterio de Port-Royal; a *Bulle unigenitus*, provocada por elles, produz 80,000 ordens secretas do rei contra os pobres jansenistas. Jouvenny, historiador dos jesuitas, collocou os assassinos dos reis no numero dos martyres. Em 1723 Pedro o Grande expulsou de seus estados a companhia de Jesus.

Os jesuitas fizeram voto de pobreza, e em 1753 a banca-rota do padre Lavalette fez conhecer á Europa o seu commercio, a sua riqueza e a sua má fé.

Luiz XV luctou com o punhal de Damiens. Este novo regicida nasceu em Arrás, foi educado pelos jesuitas em uma cidade inteiramente dominada por elles; os seus confessores foram jesuitas e a França designa-os como seus cumplices.

Em 1753 houve uma tentativa de assassinato na pessoa do rei de Portugal, em consequencia de uma conspiração tramada por elles jesuitas; os tribunaes instruiram contra elles processos. Em 1762 o parlamento de Paris supprimio-os, e

a 21 de Julho de 1773 Clemente XIV, depois de ter estudado durante quatro annos a sua historia e as suas doutrinas, aboliu-os para sempre A igreja foi unanime em os destruir e stigmatisar, o mundo inteiro os repelle e amaldiçôa; não obstante, acreditais que estão mortos para sempre? não, os seus inimigos é que morrem; depois de por muito tempo commetterem ou prégarem o regicidio, um crime monstruoso pouco lhe custa, este crime que nenhuma lei humana prevê, este crime ao qual o mundo julgou não dever dar um nome, elles o commettem, e o vigario de Jesus Christo, o successor de S. Pedro, Clemente XIV, morreu envenenado!... Mal os estrangeiros pizaram o territorio francez os jesuitas appareceram immediatamente, porém traziam uma mascara e chamavam-se então *padres da fé*.

Apresentaram-se aos povos com a apparencia de pobres e humildes missionarios, porém em breve depozeram a mascara e prégaram abertamente a *contra-revolução* e o *ultramontanismo*. Mont Rouge e Saint Acheuil foram os quarteis generaes da ordem, e os *padres da fé*, humildes no reinado de Luiz XVIII, a quem chamaram

donato de Voltaire, ergueram a cabeça com a sua morte, dominaram o throno de Carlos X e apressaram a sua queda.

Os reverendos padres, forçados a não apparecerem taes em publico, tornaram a encovar-se, elles proprios negaram a sua existencia, reduziram-se á nullidade o mais que é possivel, mas não renunciaram ao poder; aniquilados pela revolução de 1830, foram-se levantando pouco e pouco e esperam vencer, porque tem mais do que Bazilio ao lado da calumnia a hypocrisia e a mentira.

II

Dous sabios professores deram o sígnal da luta contra os jesuitas; graças lhes sejam dadas, porque a não serem elles não chegariam ao nosso conhecimento os *fios da teia jesuitica*, que de novo urdida com habilidade ia cobrir o mundo.

Que são os jesuitas? perguntam de toda a parte; nós respondemos: os jesuitas são um corpo monstruoso, anti-legal e mesmo anti-canonico. Este corpo é pseudonimo em França, e se ahi existe é por dobrez, porque está em re-

bellião contra as leis que o repellem e proscrevem; elle é em parte clandestino. É ecclesiastico e leigo, regular e secular, de toda a ordem e de toda a religião, pois que tem *filiados* mesmo no protestantismo.

Os jesuitas fazem voto de pobreza, e amontoam riquezas continuamente; soccorridos pelo confessionario fazem-se medicos da alma, e pervertem-n'a; usam da sua influencia moral para augmentarem as suas riquezas com os donativos; lá estão á cabeceira do moribundo fallando de cousas santas e ameaçando com o inferno para obterem um testamento que despoje a viuva e o orphão; em nossos dias diz-se a sua ordem protectora dos reis, e foi ella que deu o exemplo do regicidio; ella tem armado os mais atrevidos ultramontanos contra as leis, os reis, os magistrados e contra os proprios ecclesiasticos. Instrumento passivo do papa ou do geral, ella é independente de todas as autoridades ecclesiasticas, ella não recebe ordens senão de Roma. Os jesuitas, quer como bobos devotos, quer como directores habeis, sabem mover, amedrontar, subjugar os ignorantes, mas são

faceis e indulgentes para com os poderosos da terra, nestes os crimes são virtudes; elles illudem com o evangelho, como com a moral; no seu codigo tem apenas um crime, e não é o parricidio, não é o homicidio, nem o roubo, nem o incesto ou a violação, é o *escandalo*!... Corruptores da fé e do dogma, corruptores dos costumes e da disciplina ecclesiastica, atrevem-se mesmo no pulpito a apresentar os seus casuistas como seguros garantes da verdadeira doutrina.

Fautores na Asia e na America de ritos idolatras, tem chegado em algumas missões a occultar o seu symbolo, o signal da redempção, a usar de astucia com os selvagens, e no momento em que deviam cantar a victoria chega o protestantismo, e toda a coragem, toda a abnegação dos missionarios servio apenas para abrir caminho aos filhos de Calvino e aos inglezes. Apenas conservaram um paiz, o Paraguay, o Paraguay onde um se proclamou rei, o Paraguay que offerece o aspecto da aniquilação e da morte. Exclamemos com o illustre M. Quinet: — « Hei de ver a sangue frio o meu paiz entrar em uma alliança que a outros tão cara tem sido, e não poderei dizer: acautelai-vos, outros tem

feito a experiencia por vós; os povos os mais infeccionados da Europa, os que menos credito e autoridade tem, são aquelles onde a sociedade de Loyola tem o seu foco... não vos deixeis arrastar a esse precipicio, ella tem *adormecido e envenenado* durante dous seculos a Hespanha, a Italia e a America do Sul. »

Tudo que tem sido tocado pelo jesuitismo morreu; não descanceis á sua sombra, é a sombra da *mancenilheira* que é mortal. Dissemos que os jesuitas tinham corrompido o dogma, as citações que vamos fazer o provarão; quem nos forneceu pois essas immensas *devoções tão commodas*? Este livro que foi escripto para os homens supersticiosos, sem religião, para os homens que desejam ter ao mesmo tempo um pé no paraiso outro na inferno, para os homens que não querem gastar um momento com a oração, mas que querem salvar-se sem custo e sem abandonarem uma vida de orgia e de prazeres. Vós, jesuitas, para augmentardes o numero dos vossos proselytos desculpaes tudo e tornaes a religião victima das vossas doutrinas, das vossas indulgencias e do vosso *cordicolismo* carnal e politico tão famoso e tão deploravel. Vós dizeis ao rico *devasso*:—

Sede nosso e pouco vos custará a vossa salvação; dai os bons dias e as boas noites á Santa Virgem ou antes trazei sobre vós um escapulario ou um SAGRADO CORAÇÃO *e nada mais vos é preciso.*— Dizeis tudo isto e não vos lembraes que ridicularisaes as nossas crenças! que ultrajaes o christianismo !. . . — Quem sois vós ?— Sois os agentes da espionagem, da intriga e das delações, os promotores das ligas, das guerras civis, dos scismas, das cargas de cavallaria e dos massacres, eis-aqui o que sois.

Inimigos encarniçados de todas as liberdades legitimas, amigos de todos os despotismos, eis-aqui o que sois.

Perturbaes a paz de todos os Estados, de todas as familias; perverteis e conspiraes, aconselhaes o assassino dos reis, a escravidão e o embrutecimento dos povos, dominaes e opprimis em nome de nome de Deus os papas, os reis, os povos, e os mais sabios e mais santos personagens. Eis a vossa historia.

Debalde se busca um crime que não tenhaes commettido ou desculpado ; onde as vossas bôas obras? Apenas podeis citar os nobres esforços de alguns missionarios, perdestes os Stuarts e

os Bourbons, deveis finalmente desapparecer para sempre; é este o vosso futuro, o vosso destino.

Trabalhastes por muito tempo nas trevas e agora invadistes o solo da nossa patria, e tornastes-vos tyrannos de quarenta mil sacerdotes; e os vossos amigos dizem-nos com orgulho — a França possue hoje 960 jesuitas.

Como sentimos a presença dos jesuitas? quem nos advertiu de que existiam? foram as tendencias anti-revolucionarias, os systemas ultramontanos, um mal estar indefinivel e sobre tudo a discordia que penetrava no lar do pai de familia; tyrannos de 40,000 sacerdotes, os jesuitas dispunham e dispõem ainda de 40,000 confessionarios; a sua moral serve para se apoderarem do espirito das mulheres; e quem domina a alma, diz M. Michelet, domina o resto; por via da mãe os jesuitas procuram dominar o filho; bem alto pediram a *liberdade do ensino* para o monipolisarem em seu proveito; a geração actual repelle-os e elles pretendem amoldar em suas mãos o espirito da geração futura. Porém, esperam em vão; elles levantaram o grito da liberdade e todo o mundo adivinhou que a es-

cravidão era o fim dos seus esforços; não negam elles o livre arbitrio nos outros e não o querem para si ? E pela marcha tortuosa que seguem, pelos equivocos e pela intolerancia não manifestam qual o seu odio contra a liberdade civil e religiosa ?

Porém dado o caso de que os jesuitas estivessem de posse do ensino deveriamos desesperar do futuro da geração, que elles dirigissem ? Não, porque os jesuitas educaram Voltaire e Diderot, os seus maiores inimigos; e foram ainda os discipulos dos jesuitas os que prepararam com os seus escriptos a revolução de 1789. O ensino pelos jesuitas havia de produzir philosophos, casuistas e convem dizel-o, sobretudo atheus !...

Quem póde predizer com certeza quaes seriam os resultados da educação feita pelos jesuitas? Não estão já os costumes relaxados, o egoismo e a rivalidade não endurecem os corações, e que não seria se as más doutrinas perversas tivessem accesso á sociedade moderna?

—« A morte aniquila os corpos, mas a alma « morta, que resta? a morte do corpo deixa-vos « viver em vossos filhos, aqui perdeis vossos fi- « lhos e o futuro. O jesuitismo, o espirito da

« policia e da delação, os baixos habitos do es-
« tudante mexeriqueiro, uma vez transportados
« do collegio e do convento para a sociedade,
« que horrivel espectaculo !.... Todo um povo
« vivendo como uma casa de jesuitas, isto é,
« de cima até abaixo occupado em se denunciar,
« a traição no proprio lar, a mulher espionando
« o marido, o filho a mãe; nenhum motim, porém
« um triste murmurio, um sussuro confuso de
« pessoas que confessam os peccados d'outrem
« e que se atormentam uns aos outros. » Os jejuitas corrompem a moral e não tem nunca sabido purificar os costumes, não tem agitado senão questões religiosas sem termo, sem razão e sem algum proveito para o ensino; os Pombaes podem renascer e um novo Clemento XIV não tardará talvez a vingar o mundo.

Para os jesuitas se estabelecerem solidamente seria preciso destruir a natureza do homem; ☞ os jesuitas são impossiveis em quanto podermos consultar o nosso espirito e a nossa razão, em quanto sentirmos pulsar o nosso coração.

III.

A posição actual do clero em França é hoje o objecto dos mais serios receios. Pela immortal

declaração de 1682 o clero tinha repellido os jesuitas; havia um abysmo entre elles e elle. Quem entulhou este abysmo? O clero de França já esqueceu as eloquentes palavras de Bossuet: *o pastor hade unir-se ao lobo para guardar o rebanho?*

Uma semelhante alliança é mais do que um escandalo, é um sacrilegio. O clero francez, não duvidemos, ha de renegar em breve aos jesuitas; hade ter horror de sua moral e da sua historia; elle expulsará os que mercadejam nos templos, e caminhando á frente do progresso, provará que o Evangelho não é o precursor do tumulo. O christianismo não será sómente a religião dos mortos, o Evangelho, é a carta do homem, é a proclamação da sua liberdade. Ministros de Deus, explicae finalmente o evangelho de Christo. Ha dezoito seculos que esperamos. O povo, novo Christo, pregado na cruz por muito tempo, tem visto correr sangue de suas feridas, o seu sangue generoso derramou-se pela nossa redempção, elle derrama-se ainda todos os dias; mas a proclamação do Evangelho cicatrisará as suas feridas.

A revolução franceza principiou a obra da

igualdade e da liberdade. Os apostolos de Christo não devem finalmente explicar a todos a lei de Deus? As taboas do Monte Sinai foram o codigo dos Hebreus, nós não queremos outras leis a não ser o Evangelho! Porém o espirito do Evangelho está no sepulchro, a Igreja é a pedra que véda a entrada; esperará ella que a pedra se despedace para que o espirito se espalhe. A moral de Christo em dezoito seculos nada perdeu da sua força e da sua eloquencia, é tempo que o povo veja no Evangelho alguma cousa mais do que uma theoria *d'além tumulo*. Aos mortos deve-se o repouso para as suas cinzas, porém aos vivos deve-se a liberdade.

O clero de França conhecerá em breve, onde estão os seus verdadeiros amigos. Os sacerdotes dos falsos deoses podiam incensar os imperadores, podiam prégar a desigualdade e a escravidão, os sacerdotes de Christo encontrarão as pégadas de seu Mestre nas veredas do amor e da liberdade. E agora, mancebos « não queirais « encerrar-vos vivos nos tumulos, arrepender- « vos-hieis quando fosse muito tarde. Ha ainda « grandes cousas a fazer, ficai onde está o com- « bate do espirito, o perigo, a vida, a recom-

« pensa. Não vos sepulteis nas catacumbas; vós « o sabeis, Deus não é o Deus dos mortos, é o « Deus dos vivos »

Da confissão segundo o codigo dos jesuitas.

A confissão é o meio mais seguro, de que o jesuitismo lança mão para dominar as familias e para saber os seus segredos; o director espiritual de uma mãi é o espectro de *Banquo* que se assenta ao lar do pai de familia.

As doutrinas dos jesuitas são de natureza que com ellas se póde affirmar ou negar ao mesmo tempo; escrevemos este livro para que sirva como de *peça justificativa;* podem verificar as nossas citações; mencionamos os nomes dos autores e desafiamos o *ultramontanismo* para que nos prove que alteramos os textos. Os livros dos jesuitos podem ser consultados, pois que existem por ahi, e depois de estar provada a verdade das nossas asserções e das nossas citações reconhecer-se-ha a nossa boa fé e a nossa moderação. Força é confessa-lo, faltou-nos a coragem quando folheámos as doutrinas sacrilegas

e immoraes dos jesuitas, recuámos diante dos livros de Bellarmin, de Sanchez e de Escobar. Não nos atrevemos a lêr até ao fim o livro de Bouvier sobre a confissão; entretanto as citações que fazemos são mais do que sufficientes para demonstrar o perigo em que estaria a França se estivesse ainda entregue aos filhos de Loyola.

CODIGO DOS JESUITAS.

DO REGICIDIO.

As boas ou más doutrinas sobrevivem quasi sempre ás circumstancias que as fizeram apparecer e deixam um fermento na sociedade. A doutrina do regicidio, prégada durante seculos, corrompeu o povo, e, depois de ter aguçado os punhaes contra Henrique III, Henrique IV e Luiz XV, afiou contra Luiz XVI o machado revolucionario de 1793. A *sociedade de Jesus* foi a primeira e unica sociedade christã que ousou propalar os odiosos principios de revolta e do re-

gicidio; nós vamos para o provar citar textualmente os principaes jesuitas que escreveram sobre o regicidio. Desde 1541 os jesuitas dizem-se calumniados pelos seus adversarios. Elles mesmos é que vão fornecer as armas, e serão condemnados pelos seus actos e pelas suas obras.

I.

Pedro Barriere, soldado, famoso pelo projecto de assassinar Henrique IV, recusou-se a declarar os nomes de seus cumplices; porém, tendo sido condemnado a ser esquartejado vivo a 26 de Agosto de 1595, declarou no seu testamento que *tinha sido aconselhado e incitado ao regicidio* pelo padre Varade, reitor dos jesuitas em Paris.

II.

Lê-se nos Opusculos theologicos de Martin Bécan, jesuita celebre, a paginas 130 o seguinte: « Todo o vassalo póde matar o seu principe, « quando este fôr usurpador do throno; elle « accrescenta, que a sua asserção é tão justa « que em todas as nações se tem feito grandes « honras áquelles que matam semelhantes ty-

« rannos. Porém é preciso que elle seja um « usurpador, porque se tiver um direito pro- « vavel não é permettido matal-o. Uma nação « póde, continúa elle, depôr um principe legi- « timo que seja um tyranno.» Nós não procu-ramos fazer sobresahir o odioso destas maximas ellas não carecem de commentos.

III.

A 27 de Outubro de 1594 João Chatel resolveu assassinar Henrique IV e feriu-o em um labio. João Chatel declarou que desde a adolescencia tinha adquerido um habito infame, que não po-dia vencer e que impellido pelos remorsos que o ralavam e *tendo ouvido sustentar no collegio dos jesuitas, que era permittido matar o rei he-retico*, tinha expiado os seus crimes assassinando o *Bearnais*. Os jesuitas inscreveram-o no seu martyrologio ao lado de Jacques Clemente.

IV.

Lemos nas *Decisões moraes* de Paulo Comi-tolo, jesuita italiano, pag, 458; « Que é per- « mittido matar um aggressor injusto, quando « mesmo fosse general, principe, ou rei; que a

« innocencia é sempre mais util que a injustiça « e que um principe que maltrata os cidadãos é « preciso destruir ».

V.

Em 1594 Jacques Commolet, jesuita francez, tomou para texto de um sermão a passagem do livro *dos juizes*, onde se refere que Aod matou o rei dos Moabitas e designando com este nome Henrique IV exclamou : Carece-se de um Aod seja frade, seja soldado, seja pastor! Este jesuita assemelhava Henrique IV a Nero, a Meab, a Holophernes e a Herodes. Sustentava que a coroa podia passar a uma outra familia pelo direito electivo. Pregando um dia arguiu os ouvintes por soffrerem sobre o throno um falso convertido.

VI.

Damiens creado dos jesuitas, tentou assassinar Luiz XV. Muitos governos fizeram queimar pela mão do algoz a Theologia moral de Busembaum.

VII.

A conspiração das *Polvoras* em 1605 em Inglaterra foi urdida pelos jesuitas. O jesuita Ge-

rard deu a communhão aos conjurados. O padre Garnet exclamou em uma oração publica! «Deus « destrui uma nação perfida, exterminae-a da « terra dos viventes afim de que possamos com « jubilo render a Jesus Christo os louvores que « lhe são devidos.» O parlamento inglez devia saltar pelos ares no dia da sessão solemne.

A conspiração foi descoberta a tempo e os culpados presos. A 3 de Maio de 1606 Garnet sobre o cadafalso sentindo vivos remorsos disse aos que lhe assistiam, que *isto tinha sido uma empreza horrivel.* Em 1603 Garnet interrogado se seria permittido, fazendo morrer culpados, envolver na sua ruina alguns innocentes, respondeu com firmeza e sem hesitar, que *se o catholicismo tirasse disso vantagem e se o numero dos culpados fosse maior do que o dos innocentes se podia licitamente fazel-os morrer todos.*

Os conjurados Catesby, Oreenwelle, Tesmond, Garnet e Oldecorn, jesuitas, gastaram um anno em abrirem uma mina por baixo da casa do parlamento; o seu projecto consistia em fazer ir pelos ares os membros das camaras dos communs e dos lords e bem assim a rainha e os ministros. Finalmente Garnet fez declarações com-

pletas que se encontram nos archivos rubricados por este regicida.

Lê-se em uma obra dos jesuitas o seguinte:— « Na conspiração das Polvoras morreu o santo « martyr Henrique Garnet, contra o qual a he- « resia inventou uma insigne calumnia para o « deshonrar. Foi em vão; a sua innocencia foi « manifestamente reconhecida pelos seus ini- « migos, por que uma gota do seu sangue que « cahiu em uma espada representou nella o seu « celestial semblante.»

VIII.

Manoel de Sá, diz: « O tyranno é illegitimo « e então todo o homem do povo o póde matar, « *Unusquisque de populo potest occidere.*» Adão Tanner, jesuita allemão, exclama: « E' permit- « tido a todo homem matar um tyranno, que é « tal, quanto á substancia, *tyrannus quoad sub-* « *stantiam*; é glorioso exterminal-o, *exter-* « *minare gloriosum est.*»

IX.

« O papa póde matar com uma unica pala- « vra (*potest verbum corporale vitam auferre*);

« porque quando recebeu o direito de fazer « apascentar as ovelhas, não receberia tambem « o de massacrar os lobos (*potestatem lupos in- « terficiendi*) ?

(Aff. Sá, jesuita portuguez).

X.

O jesuita João Guignard enforcado como cumplice de Jacques Clemente tinha dito : E' uma « acção meritoria aos olhos de Deus o matar um « rei heretico »

Nos seus escriptos encontraram-se estas phrases: « Nem Henrique III, nem Henrique IV, nem « o Eleitor de Saxe, nem a rainha Elisabeth são « verdadeiros reis.—Que Jacques Clemente ti- « nha praticado uma acção heroica, matando « Henrique III, que se fosse possivel guerrear o « *Bearnais* guerreasse e que se não fosse pos- « sivel, se matasse.»

XI.

Em 1594 o jesuita inglez Holte allieiou Williams e Yorck, jovens jesuitas, para assassinarem a rainha da Inglaterra. Para os animar na execução deste crime enorme Holte ministrou-lhe o

pão mystico. A tentativa falhou e o jesuita foi enforcado com Henrique Garnet.

XII

Gabriel Malagrida, jesuita portuguez, conspirou contra a vida de D. José I rei de Portugal sendo ministro o marquez de Pombal. Elle assegurou aos conjurados, que o assassino do rei não commeteria mesmo um peccado venial, em attenção a que o rei tinha havido mal com os jesuitas. Entregue á inquisição juntamente com os padres Mattos e Alexandre foram supplicados.

XIII.

« Ultimamente realisou-se em França uma « proeza insigne e magnifica para *instrucção* « dos principes impios. Clemente matando o rei « adquiriu um nome immenso. Morreu segundo « a opinião de um grande numero a eterna honra « da França... Joven, espirituoso e delicado, « uma força superior endurecia o seu braço e o « seu espirito.

(Marianna, De Rege, lib. 1 Cap. VI.

XIV.

« E' salutifero inspirar aos principes e persua-
« di-los de que se opprimem os povos, tornan-
« do-se insuportaveis pelo excesso dos seus vi-
« cios e infamia da sua conducta, vivem em taes
« condições que não só de direito se podem matar
« mas que até ha gloria e heroismo em o fazer.»
(Mariana, De Rege, lib. 1 pag. 54.)

O livro donde extratamos o que precede foi dedicado a Philippe III. Este facto caracterisa a audacia desta companhia infernal, que tem vivido até os nossos dias escorando-se sobre os punhaes e sobre os mais odiosos principios, *Corromper para reinar, tal é a sua divisa.*

XV.

O Jesuita *Carlos Scribanius* escreveu o seguinte, fallando de Henrique IV:—« Roma vê
« este carreteiro que conduz a França, este an-
« thopophago, este monstro que se banha em
« sangue... Não haverá ninguem que impunhe
« as armas contra esta fera?... Não teremos
« um papa que empregue a sua hacha d'armas
« para salvação da França?...

Tranquilizae-vos, joven jesuita, á falta da hacha d'armas papal, tereis o punhal de Ravaillac.

XVI.

Nicolau Serrarius, jesuita italiano, nos seus *Commentarios da Biblia* approva o assassinato do rei Eglon commettido por Aod. Muitos sabios diz elle, pensam que Aod fizera bem por ter sido impellido a isso por Deus, e além desta ainda ha outra razão, que vem a ser: que uma tal acção de direito se póde praticar contra os tyrannos.

XVII.

« Quando um tyranno governa póde ser morto « por um seu vassallo ou mesmo subdito á trai- « ção ou com veneno, não obstante todo o jura- « mento prestado, sem esperar sentença, nem « ordem de um Juiz qualquer.

XVIII.

« Não pertence aos religiosos e outros eccle- « siasticos o matarem os reis em ciladas, e os « soberanos pontifices não costumam reprimir

« os principes por este meio; porém depois de « os terem admoestado primeiro paternalmente « servem-se das censuras e se fôr necessario des- « ligam os seus subditos do juramento de fide- « lidade, privam-os mesmo da sua dignidade e « autoridade; depois do que é a outros e não « aos ecclesiasticos, que pertence ir a vias de « facto (*executio ad alios pertinet.*)

Bellarmin. De summa Pontificis auctorictate, t. IV, p. 180.)

A canonisação de Bellarmin foi pedida e alcançada pelos jesuitas.

XIX.

« E' de fé que o papa tem o direito de depôr « os reis hereticos e rebeldes: ora um monarcha « deposto pelo papa não é rei nem principe le- « gitimo; se se recusar obedecer ao papa depois « de ter sido deposto, torna-se então um ty- « ranno e póde ser morto por qualquer.

« Se a defesa da causa publica se conseguir « com a morte de um tyranno é permittido a « qualquer o mata-lo (*cuilibet de populo licet illum interficere.*) »

(*Suarez. Defensio fidei*, l. IV.)

XX.

« Henrique IX ferido no beiço, por João « Chatel, exclamou: Seria preciso que os jesuitas « fossem convencidos pela minha bocca?..... »

Nada mais citaremos a este respeito; as doutrinas dos jesuitas sobre o regicidio, fazem horror ao mundo e são ha muito tempo conhecidas e condemnadas; todas as historias do padre Loriquit, não poderão fazer-lhes mudança alguma. Henrique IV, perdoava aos jesuitas, porque dizia elle: « Attentarão continuamente « contra a minha vida, o que a faria miseravel e « aborrecivel, por temer sempre o ser envene- « nado ou assassinado; porque elles têm relações « e correspondencias por toda a parte e grande « dexteridade para disporem dos espiritos a seu « bel-prazer. » Quando se recorda a morte de Henrique IV, taes palavras fazem estremecer, e tornar-se-hão mui terriveis se attendermos a que os jesuitas foram os envenenadores do papa Clemente XIV.

Do parricidio.

« Os filhos christãos e catholicos podem accusar « seus paes do crime de heresia, posto que « saibam que elles serão por esse facto queima- « dos.... e não sómente lhes poderão negar o « sustento, se elles os tentarem desviar da fé « catholica, mas até os poderão matar sem « peccarem, se elles os quizerem obrigar com « violencia a abandonarem a fé. »

(Estevão Fagundes, jesuita portuguez, Tractado sobre os mandamentos da igreja, 1626, t 1º liv. 1.º)

Serão estes os apostolos desse Deus que morreu para remir o mundo? e que exclamou: Amae-vos uns aos outros?

« E' permittido a um filho matar seu pae, « quando este for proscripto? Um grande « numero de autores sustentam que póde; e se « o pae for nocivo á sociedade sou do parecer « desses autores. »

(J. de Descastille, jesuita hespanhol. Da Justiça e do direito, l. 2º p. 511.)

Do homicidio.

Estracto do *Compendium* para uso dos seminarios pelo padre Moullet, membro livre da Sociedade de Jesus, publicado em 1843. em Strasbourg.

Rogamos a nossos leitores, que comparem as doutrinas do Compendium de 1843 com as dos jesuitas dos seculos XVII e XVIII contidas neste volume.

« Não ha duvida que é permittido matar um « ladrão, para conservar os bens necessarios á « vida, porque o aggressor ataca, não só os bens « como a propria vida ; porém é duvidoso que « seja permittido matar o que atacar grandes « bens, *ainda que não necessarios á vida*. Se os « bens não poderem ser deffendidos com successo « isso parece *provavel;* a razão é que *a caridade* « *não exige que ninguem soffra uma perda notavel* » *nos seus bens para conservar a vida do pro-* » *ximo.* »

(O padre Moullet, jesuita.)

I.

« E' permittido defendermo-nos daquelle que nos ataca e mesmo mata-lo ? Se o homicidio

« se poder fazer sem escandalo não é illicito ; o « direito de defender a propria vida pertence « tanto a um particular contra uma autoridade, « com a um inferior contra o seu superior, a um « filho contra seu pae, a um clerigo ou religioso « contra um secular e reciprocamente, sem que « se incorra em alguma irregularidade. »

(Francisco Amiens, jesuita, Cours theologique, 1642.)

II.

« E' permittido matar um aggressor seja « qual fôr a sua Jerarchia uma vez que seja em « defeza propria. — Um filho póde matar seu « pai, uma mulher o seu marido, um criado « seu amo, um freguez o seu abbade, um sol- « dado o seu general, um inferior o seu supe- « rior, um accusado o seu juiz, um estudante o « seu preceptor, um vassalo o seu principe. »

(Tratado dos casos de consciencia liv. III por João Azor. Jesuita.)

Na verdade, meus reverendos, que estrada trilhaes ! Felizmente a justiça tem uma moral mais segura e menos commoda.

III.

Paulo Commitolo, jesuita italiano, reproduziu as doutrinas de Amicus e de João Azor.

IV.

Se um sacerdote achando-se no altar fôr atacado, pode licitamente matar o aggressor e *in continenti* acabar o sacrificio da missa.

(Estevão Fagundes. Tractado sobre os mandamentos da igreja.)

V.

E' permitido a todo o homem mesmo aos clerigos e religiosos matar em defeza da vida do proximo, quando o não possam defender por outro modo.

(Idem)

VI.

Se um Juiz faz uma injustiça obrando contra as leis, o criminoso póde defender-se ferindo-o ou mesmo matando-o.

(Idem)

VII.

« E' permittido a um marido o matar sua mu-
« lher encontrando-a em adulterio, e a um pae
« sua filha por a mesma causa? — Respondo
« primó, que o marido pecca mortalmente ma-
« tando sua mulher quando a encontre em fla-
« grante delicto, sem que preceda sentença do
« Juiz... — Secundó, depois de dada a senten-
« ça o marido pode matar sua mulher sem pec-
« car, porque então é apenas o executor volun-
« tario da sentença, e pode dar-lhe a morte se
« fôr de sua vontade. »

(Vicente Filliucius, jesuita italiano, Questões moraes, 1633. t. 11 c. 7.)

VIII.

« Se um homem matar outro sem intenção de
« commetter um grande mal, esse homem pecca
« levemente, porque não conhecia a gravidade
« da sua acção. »

(Jorge de Rhodes, jesuita, Theologia scolastica, t. 1. p. 3=2.)

IX.

« Regularmente pode matar-se um homem « pelo valor de um *escudo* »

(Escobar)

X.

« E' permittido matar o homem que vos roube « seis ou sete *ducados*, ainda mesmo que não « seja encontrado em flagrante. Não ousaria « mesmo affirmar que pecca aquelle que per- « tender matar o que lhe furtar qualquer cousa « do valor de um *escudo*.

(O padre Molina.)

DESEJAR A MORTE DO PROXIMO. Um pae póde appetecer a morte do marido que maltrata sua filha. porque deve ter mais affeição á filha do que ao genro.

E' permittido ao filho desejar a morte de seu pae, unicamente por causa da herança e não de morte.

(Crisis Theologica, Cologne, 1702 pag. 242.

João de Cardenas, jesuita hespanhol.)

Tamburini (Thomas) jesuita casuista italiano, propoz as seguintes questões sobre o homicidio : — Um filho pode appetecer a morte de seu pae para gosar a sua herança? Uma mãe pode desejar a morte de sua filha para não ser obrigada a sustenta-la e dota-la ? — Um padre pode ter desejos de que morra o seu bispo com a esperança de o substituir ?—Elle mesmo responde : — Se apenas desejaes estes acontecimentos ou mesmo se vos regosijaes com elles, isso é-vos permittido sem peccado, porque vos não regosijaes com o mal de outrem, mas sim com o vosso bem.

(Methodo de confissão p. 20.)

Os livros dos casuistas jesuitas estão cheios destas odiosas maximas ; Pascal revelou-as nas suas admiraveis *Cartas provinciaes*, porém assim como nós, recuou com tedio diante de todos esses escriptos infames, pois que entendemos, desvirtuariamos a nossa penna, se lhe impozessemos a horrivel tarefa de citarmos todas as maximas deste genero.

Do suicidio

Se o medico mandar a um Cartuxo gravemente doente que coma carne, *como remedio necessario para evitar uma morte certa*; é permittido obedecer ao medico? — Resposta. A questão é controversa, entretanto uma decisão negativa parece-nos mais provavel; e é mais commum entre os doutores.

(O padre Moullet, Compendium para use dos seminarios 1845.)

Da violação

DA CASTIDADE E DA LUXURIA. — DO ADLTERIO

Traduzimos alguns casuistas jesuitas, mas foi nos impossivel o traduzir o livro de M Bouvier arcebispo de Rheims; o *Manual da confissão* é mais immoral do que as obras do marquez de Sade. Entretanto este escripto em latim foi publicado em França. Facilmente serão comprehendidos os motivos que nos forçam a abandonar a traducção de algumas das suas passagens; nós pretendemos estigmatizar doutrinas infames, queremos arrancar a mascara que cobre ainda

os *hypocritas* modernos, porém não queremos o escandalo ; pela leitura sómente do nosso escripto o homem de bem ficará indignado e o nobre clero de França como em 1682 repellirá para longe os seus indignos alliados. Os assassinos da noite de S. Bartholomeu, os inquisidores e os jesuitas são monstros creados por imaginações doentes ; são os alliados naturaes do espirito das trevas e da morte. A religião de Christo é ao contrario a revelação sublime da vida e da luz.

I.

Aquelle que desflora uma donzella pelo seu proprio consentimento não incorre em alguma pena mais do que o fazer penitencia, porque sendo ella como é senhora de sua pessoa, pode conceder os seus favores a quem bem lhe parecer, sem que seus paes possam impedir, senão pela vontade de que seus filhos não offendam a Deus.

(Francisco Xavier Fegeli, jesuita. Questões praticas sobre as funcções do confessor, pag. 284).

II.

Aquelle que por força, ameaças, fraude ou importunidade de seus rogos seduz uma donzella sem lhe prometter casamento é obrigado a indeniza-la e a seus paes pelo prejuizo que causou, dotando-a ou desposando-a senão poder indenisa-la de outro modo. *Se comtudo o seu crime ficar absolutamente secreto* é mais *provavel* que no fôro interno o seductor não seja obrigado a alguma reparação.

(O padre Moullet, jesuita).

Do adulterio

Aquelle que mantém relações criminosas com uma mulher casada, *não porque ella seja casada*, mas porque é bella; fazendo assim abstracção da circumstancia do estado, estas relações segundo muitos autores não constituem peccado de adulterio mas de simples impureza.

(Compendium do padre Moullet).

Da luxuria

I.

Estevão Bauny, jesuita francez, diz o seguinte na sua obra intitulada *De la somme des Peches*, 1653, pag. 77 :

« E' permittido a todos os individuos o entrarem nos logares de devassidão para converterem as mulheres perdidas, ainda que seja provavel que pequem, julgando pelo que em outras occasiões tenha acontecido, por se deixarem arrastar pelos affagos e pela vista dessas mulheres. » E elle distingue os peccados de luxuria da fórma seguinte :

« Estupro, diz elle, é quando o acto se practica com uma virgem, contra sua vontade e por força ; quando ella se presta espontanea e voluntariamente então não é estupro mas sim *fornicação*; neste caso não é necessario em consciencia dota-la e ainda menos recebe-la por esposa, porque não se lhe fez alguma injuria.

II.

« Se um domestico para viver carecer de servir um amo luxurioso, a necessidade permitte-lhe

fazer as cousas mais graves ; assim póde conduzir-lhe e procurar-lhe concubinas e leva-lo aos máos logares ; e se seu amo pretender escalar uma janella para fins luxuriosos, póde suster-lhe o pé, levar-lhe uma escada, porque são acções por si indifferentes (quia sunt actiones de se indifferentes.) »

(Castro, jesuita portuguez, das virtudes e dos vicios, 1631, pag. 18.)

III.

Cornille de la Pierre, jesuita, nos seus commentarios sobre o propheta Daniel impressos em Pariz, em 1622, exprime-se assim : « Suzana diz, em Daniel : Se me entrego aos desejos impudicos destes velhos, estou perdida.—Nesta collisão como ella temia por um lado a infamia e por outro a morte podia dizer :— Não consentirei na acção vergonhosa, porém soffro-a e guardarei segredo para conservar a vida e a honra.

As jovens sem experiencia pensam que para serem castas precisam pedir soccorro e resistir com todas as suas forças ao seductor. *O consentimento e a cooperação é que faz peccar.* Suzana

poderia permittir aos velhos exercerem nella a sua luxuria, sem que tomasse interiormente parte. *E' certo que não teria peccado.*

IV.

Clericus rem habens cum faemina, in vase praepostero non incurrit poenas bullae Pii V.— Se não fizer frequente uso deste peccado.

(Escobar e Mendonça. Da impudicicia t. 1, pag. 143.)

V.

Clericus vitium bestialitatis perpetrans non incurrit bullae poenas.—Com tanto que não commetta este peccado por habito.

(Escobar, idem—idem. t. 1. p. 213.)

VI.

Clericu sodomiticé patiens non incidit in poenas bullae.—Se o não fizer senão duas ou tres vezes.

(Escobar, idem—idem, t. 1. p. 144.)

VII.

Escobar pensa no 1º tomo da sua obra sobre a *impudicicia,* que um religioso despindo o seu

habito não incorre na excommunhão, quando mesmo o faça por motivo vergonhoso, como por exemplo, para peccar contra a castidade, para roubar alguma cousa ou para entrar sem ser conhecido em algum logar de devassidão.

VIII.

Pascal zombou particularmente de Escobar, porque o que caracterisa este celebre jesuita é que todas as suas questões são apresentadas com duas faces. Escobar usa continuamente da *duplicidade* e do *brobabilismo*.

« Uma má disposição como a de olhar para « as mulheres com idéas de luxuria (diz Escobar), « é incompativel com o preceito de ouvir missa ? « Elle responde a isto :—Basta ouvir missa « mesmo nessas disposições para satisfazer ao « preceito, comtanto que ellas se não mani- « festem exteriormente. »

IX.

Um homem e uma mulher, que se despem até ficarem nús para se abraçarem, fazem uma acção indifferente e não um verdadeiro peccado.

(Vicente Filliucios, jesuita italiano. Questões moraes, 1633, t. 11, p. 316.)

Historia edificante e curiosa

X.

Em 1718 João Baptista Gerard, jesuita francez, foi nomeado reitor do seminario real de marinha em Toulon. Entrava no numero das suas confessadas uma chamada Catharina Cadiére, de idade de desoito annos e de uma belleza rara, o padre Gerard em breve operou sobre ella uma mudança sobrenatural que alterou a sua saude; visitava-a todos os dias e Catharina surprehendeu-o muitas vezes em uma posição indecente: um dia em nome da justiça divina fez com que ella se despisse até ficar em camisa depois do que a abraçou... promettendo-lhe condusi-la á suprema perfeição. Como temesse as consequencias do seu amor fazia-lhe tomar de vez em quando uma beberagem que lhe occasionava grandes perdas de sangue. Condusiu-a depois para o convento de Ollioules a uma legua de Toulon, onde tinha alcançado licença de estar com ella sem testemunhas: entretanto estas relações principiaram a serem escandalosas. O padre Gerard fez uma viagem e o

presidente de Brest mandou encerrar Cadiére no convento das Urselinas; então ella pediu um confessor para revelar tudo o que se passára com o seu antigo director. O padre Gerard accusou Cadiére de estar possessa e excitou as religiosas contra ella, a questão foi affecta ao parlamento e seguiu-se uma ordem de prisão contra Cadière e contra o carmelita que a dirigia então. O jesuita Gerar ficou livre.

Os debates provaram que Gerard commettera os crimes de sortilegio, quietismo, incesto espiritual, aborto e suborno de testemunhas. A 11 de setembro de 1731 o procurador geral pediu que Cadiére fosse condemnada a fazer confissão publica á porta da igreja de S. Salvador e depois a ser estrangulada. A sentença porém differiu destas conclusões; a joven Catharina foi entregue a sua mãe e o padre Gerard absolvido; o qual sendo reconhecido pela populaça foi apupado e coberto de injurias; apezar disso morreu em paz de uma idade mui avançada.

XI.

« Uma meretriz póde legitimamente levar « dinheiro pelo seu serviço, comtanto que o

« preço não seja muito alto. No mesmo caso
« está qualquer mulher ou prostituta que como
« tal não seja conhecida, porém uma mulher ca-
« sada não tem tanto direito de levar dinheiro,
« porque os lucros da prostituição não estão
« estipulados no contrato de casamento.

(J. Gordon, jesuita escossez, Theologia moral universal t. 11. liv. 5°.(

XII.

« Se um clerigo postoque conhecedor do pe-
« rigo que corre, entrar em casa de uma mulher
« com quem tenha relações amorosas e fôr sor-
« prehendido em adulterio pelo marido, e matar
« o marido para defender a sua vida ou seus
« membros, este clerigo não está irregular e
« póde continuar as suas funcções ecclesias-
« ticas. »

(Henriques, jesuita portuguez, Theologia moral, Veneza 1600).

XIII.

« As mulheres não peccam mortalmente,
« quando usam de enfeites superfluos, quando
« trajam vestidos tão tenues que lhes deixam

« ver o seio, se essa fôr a moda do paiz, e não « com má intenção. »

(Simon de Lessau, jesuita).

XIV.

Para memoria citamos apenas o titulo da obra do celebre Sanchez.— *O tractado de casamento* está cheio de *discussões lubricas*. Se fossemos jesuitas ousariamos fazer delle algumas citações, porém nós não escrevemos somente para os seminarios, este livro póde cahir nas mãos de todo o mundo e não queremos ser accusados de immoralidade.

XV.

« Uma mulher por quanto pode vender o « o prazer que deseja? R. E' preciso para cal- « cular exactamente attender á nobreza, belleza « honestidade da mulher... Uma mulher honesta « vale muito mais do que aquella que abre a « sua porta ao primeiro que chega.... Distinga- « mos.... ou se trata de uma prostituta ou de « uma mulher honesta; uma prostituta não « pode pedir a um mais do que recebeu do « outro, deve ter um preço ajustado. Porem

« uma mulher honesta pode exigir o que lhe « parecer, porque as cousas desta natureza não « tem preço commum e estabelecido, a pessoa « que vende é senhora da sua fazenda. Uma « donzella e uma mulher honesta podem vender « a sua honra segundo a estima em que a ti- « verem. »

(Tamburini, jesuita, da Confissão, liv. VIII ch. 5.)

XVI.

« Jacques Tirin, jesuita, sustenta como Cor- « neille, que já citamos, que a *casta Susana* de- « via entregar a sua pessoa aos velhos. A não « cooperar e consentir nada a obrigava, diz elle, « para conservar a sua castidade a dar a conhe- « cer a sua deshonra com os seus gritos e a « expor-se á morte, porque a reputação e a vida « são preferiveis á pureza do corpo. »

(1668, Commentarios sobre a Biblia pag. 787.)

XVII.

« Pode e deve-se absolver uma mulher que « tem em sua casa um homem, com quem

« pecca amiudadas vezes, se o não poder despe-
« dir decentemente, ou que por algum motivo
« careça de o conservar. »

(Padre Bauny, jesuita.)

Do roubo

« E' permittido matar um innocente, roubar
« ou peccar contra a castidade ? sim, em con-
« sequencia de uma determinação de Deos,
« porque Deos é o senhor da vida e da morte,
« e executar assim a sua vontade é um dever. »

« E' permittido a alguem roubar por causa
« da necessidade em que se acha ? E' permittido
« seja em segredo seja por outro modo, se não
« tiver outros meios de supprir ás suas precisões;
« isto não é roubo nem furto, porque segundo
« o direito natural todas as cousas são com-
« muns. »

(Pierre Aragon, jesuita, Abrégé de de la Somme Theologique de Saint Thomas d'Aquin, p. 224 e 365.)

II.

« A quantia sufficiente para que qualquer
» homem roubando a peque mortalmente é a de

« tres francos (lê-se isto a pag. 226).—Ninguem « é obrigado com pena de peccado mortal a « restituir o que tiver roubado em pequenas « porções, posto que seja grande a somma « total. »

(Antoine Paul Gabriel, jesuita, Theologie morale universelle.)

III.

« Os pequenos furtos feitos em diversos dias « e occasiões por um ou muitos homens por « maior que seja a somma não constituem pec- « cados mortaes. »

(Padre Bauny, jesuita, Somme des péchés.)

IV.

« Se os amos lezarem os seus domesticos nos « seus salarios, estes podem chama-los a juizo, « ou fazerem justiça por suas mãos usando da « compensação secreta. »

(J. de Cardennas, jesuita, Theologia p. 214).

V.

« Deos somente prohibe o roubo, quando elle

« é olhado como *mau* e não quando é conside-
« rado como bom. »

(Casnedi, Jugemens theologiques t. 1. p. 278.)

VI.

« Xavier Fegelli, jesuita italiano, pensa que
« é permittido a um creado roubar seu amo por
« compensação, porem com a condição de não
« se deixar apanhar em flagrante. »

(Du confesseur p. 137.)

VII.

Paulo Laymann approva tambem a compensação, secreta, e é este tambem o parecer do padre Lespus.

(Theologie morale liv. 3. p. 119.)

VIII.

« Se os paes recusarem dar a seus filhos di-
« nheiro elles podem tirar-lho. »

« Quando um homem se achar em tal indi-
« gencia e um outro com boa fortuna, sendo
« este obrigado a ajudar o que carecer de
« meios, o que carecer delles pode subtrahi-los
« ao outro secretamente e de uma boa ma-

« neira, sem peccar e *sem ser obrigado á restituição.*

(Longuet, jesuita francez, Questions IV. p. 2.)

IX.

João de Lugo approva a compensação secreta e diz mais que o credor póde roubar o devedor se tiver suspeitas de que não receberá a sua divida.

(Traité de l'Incarnation p. 408 t. 1.(

X.

Valerio Reginald admitte a compensação secreta com a condição de que será exacta.

XI.

« Se qualquer não poder vender o seu vinho « seja por injustiça de classificação, seja por « malicia dos compradores, póde furtar é medi- « da, deitar-lhe agua e vende-lo por vinho puro « e sem alteração. »

(F. Tollet, jesuita, des sept péchés mortels, p. 1027.)

XII.

« Quando alguem vir um ladrão resolvido e « prompto a roubar uma pessoa pobre, pode

« para o desviar designar-lhe em particular « outra pessoa rica para ser roubada em vez da « outra. »

Da blasphemia.

I.

« Se por um erro invencivel acreditardes que « a blasphemia vos é ordenada por Deos, blas- « phemae. »

(J. Casnedi. jug. thel.)

II.

« Se um penitente tiver praguejado contra o « seu creador, sendo essas palavras escandalo- « sas filhas de colera, pecca apenas venialmente, « porque este estado impossibilita de considerar « o que se diz. »

(Padre Bauny. Somme des péchés ch. V p. 66.

III.

« Jesus Christo hade dizer-vos, vinde aben- « çoado de meu pae, porque mentisteis e blas- « phemasteis, julgando que eu vos ordenava « que mentisseis e blasphemasseis. »

(J. Casnedi, jesuita.)

Escobarderia.

Reunimos debaixo deste titulo algumas maximas que não podem facilmente ser classificadas. O primeiro logar pertence de direito ao cecbre Escobar.

Doutrinas jesuiticas.

DE ESCOBAR E MENDONÇA.

« A glotonaria é um peccado grave ?—E' um « pecado grave e não é. E' um peccado venial, « quando mesmo sem necessidade se come e « bebe até vomitar, comtanto que a saude não « soffra consideravelmente ; e dado mesmo o « caso de commetter semelhantes excessos com « designio premeditado, tendo a certeza de « vomitar não se pecca mortalmente. »

« Póde-se acceitar um duello ?— Respondo « sim e não. Não se póde acceitar abertamente, « quando houver *escandalo ;* mas póde-se para « defender a fortuna propria no caso de ser a « isso obrigado, porque todo o homem tem « direito de garantir a sua propriedade mesmo « com a morte do seu inimigo. »

(Moral theologica t. IV p. 119.

« Não se está embriagado, quando se distingue « um homem de um carro de feno. »

(Busembaum.)

« E' permittido a qualquer ter dous confessores, um para os peccados mortaes e outro para os veniaes com o fim de conservar a boa reputação aos olhos do confessor ordinario, uma vez que se não tire daqui pretexto para ficar em peccado mortal. »

(Escobar, Moral theologica t. 7, p. 135.)

« Ninguem é obrigado a confessar senão as circumstancias que minoram o peccado e não as que o aggravam. »

(Escobar.)

« O rapto não é uma circumstancia que haja obrigação de descobrir, quando a donzella tiver consentido. »

(Fagundes, jesuita.)

Do perjurio.

« Pergunta-se, a que é obrigado um homem « que presta um juramento de uma maneira

« ficticia e para enganar?—Em virtude *da*
« *religião* não é obrigado a nada, pois que não
« prestou um *verdadeiro juramento;* mas por
« justiça deve fazer o que jurou de um modo
« ficticio. »

(Compendium do padre Mullet.— Strasbourg 1843.)

De proposito fazemos poucas citações dos livros modernos dos jesuitas, porque uns são intraduziveis em razão da sua immoralidade brutal, e porque outros reproduzem as doutrinas dos XVII e XVIII seculos; os extractos do *Compendium* de 1843 provarão a verdade das nossas asserções.

I.

« E' permittido tanto em materia de pouca
« monta como em materia grave prestar um
« juramento sem ter intenção de o cumprir, se
« houverem boas razões para assim o fazer, »

(Cardenas, jesuita, Crisis Theologica.)

II.

« Póde-se jurar que se não fez uma cousa
« posto que effectivamente se tenha feito, sub-

« entendendo-se que a não fez *certo dia*, *antes*
« *de nascer*, ou qualquer outra circumstancia,
« sem que pelas palavras empregadas se possa
« suspeitar a intenção ; isto é commodo em
« muitas occasiões e sempre mui justo, quando
« for necessario ou util á saude, honra ou
« bens. »

(Sanches, Opera moralis.)

Da justiça.

I.

« Pergunta-se, se um juiz é obrigado a res-
« tituir o que tiver recebido para fazer justiça ?
« Respondo que é obrigado a restituir, se tiver
« recebido alguma cousa para dar uma sentença
« justa, porém se receber dinheiro para com-
« metter uma injustiça póde conservar esse
« dinheiro, porque o ganhou. »

(J. B. Taberna, Theologie pratique, 1736.)

Isto é mais do que humanidade e loucura. Não nos sentimos com forças para discutir semelhantes maximas.

II.

« Quando alguem receber dinheiro para « practicar uma acção má é obrigado a resti- « tuil-o ?—Distinguo : se se não tiver practicado « a acção deve-se restituir o dinheiro ; porém « se se tiver practicado, então não porque é « elle a paga.

(Molina, œuvres, v. 3 p. 136.)

Da uzura.

« Póde-se comprar qualquer objecto por « menos do que valer, se a necessidade obrigar « a vende-lo, porque esta circumstancia diminue « o valor do objecto e faz com que as fazendas « sejam offerecidas em vez de serem procuradas. « Um objecto que se vende por necessidade « perde não só o terço, mas até metade do seu « valor. E' permittido aos taverneiros o deitarem « agua no vinho, e aos lavradores misturarem « palha com o trigo, comtanto que o vinho e o « trigo não sejam peiores do que o que se vende « quotidianamente. »

(Amedée Guimenius, jesuita.)

No processo Affnaër provou-se que os jesuitas descontam, vendem e compram acções trazendo em gyro de cinco a seis milhoes.

Do infanticidio.

« Pergunta-se, se uma mulher póde provocar um aborto?—1.º Se o fructo ainda não estiver animado e a mãe se achar em perigo póde provoca-lo directa ou indirectamente. Directamente, tomando bebidas que obrem de tal modo sobre o fructo que o dissolvam e evacuem; e indirectamente, fazendo-se sangrar e tomando remedios que fazendo-lhe bem, fazem mal ao fructo. 2.º Se o fructo estiver já animado e se a mãe tiver de morrer com o filho póde antes de acabar a gravidez tomar remedios que indirectamente produzam effeito, o que se póde autorisar com esta comparação: se uma fera perseguir uma mulher gravida ella foge para conservar a vida, posto que esteja certa, moralmente fallando, de que esta fuga lhe produzirá um aborto. 3.º Se uma joven tiver sido seduzida contra sua vontade por algum joven adultero, ella póde antes que o fructo esteja animado

desfazer-se delle, como lhe aprouver, por causa do receio de perder a sua honra que lhe é mais preciosa que a propria vida. »

(Airaut Propositions sur le cinquième precepte du Decalogue, p. 322.)

Da calumnia.

O padre Chauvelin no artigo—calumnia—entra em detalhes que fazem indignar toda a alma honesta. Seguindo o discurso de um magistrado do parlamento eis aqui quaes as doutrinas dos jesuitas.

I.

« Os homens podem sem escrupulo atten-
« tarem uns contra os outros pela maledicencia,
« calumnia e falso testemunho. »

II.

Para acabar com as calumnias póde-se matar o calumniador ; porém occultamente para evitar o *escandalo.*

(Airault, jesuita.)

Da mentira e dos juramentos falsos.

I.

« Se acreditardes invensivelmente, que vos é ordenado que mintaes, menti. »

(Casnedi, Jugement Theologique p. 278.)

II.

« Se fordes interrogado sobre um roubo que tenhaes feito para vos compensardes, ou sobre uma divida que já tenhaes pago, ou que actualmente já não devaes por ter prescrevido, ou se a vossa pobreza vos desculpar de pagar, podeis jurar que nada recebesteis subentendendo *com a condição de pagardes immediatamente*, porque é o fim que o juiz exige para o juramento. »

(Castro, jesuita, Virtudes e vicios 1691 p. 18.)

III.

« Um homem que for encontrado em alguma empreza amorosa e do qual exigirem que jure hade desposar a joven, com quem for surprehendido, póde jurar que o fará subentendendo :

se for forçado a isso, ou se, para o diante, ella lhe agradar. »

« Se alguem quizer prestar um juramento sem se obrigar a cumpri-lo, basta para isto estropiar as palavras; neste caso commette apenas uma pequena falta venial que facilmente se perdôa. » (Sanches.)

IV.

« Se uma mulher sonegar o seu dote depois que os bens de seu marido forem confiscados, e se for interrogada sobre se tem subtrahido alguma cousa em seu proveito, póde responder que não, subentendendo *do que pertence aoutrem.* »

« Quando um crime for commettido em segredo póde-se negar que se esteja culpado, subentendendo *publicamente.* »

(Stoz, jesuita, du Tribunal de la penitence.)

Da revolta.

I.

« A revolta de um clerigo contra o rei, não é um crime de lesa-magestade, porque um clerigo não é subdito do rei. »

(Manoel de Sá, jesuita.)

II.

« Quem seria tão inepto para não reconhecer que quando a tyrannia põem em perigo o estado, todo o meio é bom para o effeito de sacudir o jugo.

(Marianna De Rege.)

As citações poderiam ser numerosissimas, porque os jesuitas tendo prégado este detestavel principio prégam-o ainda nas columnas do jornal *O Universo Religioso*.

Timon defecionario do partido radical defende tambem o systema da revolta dos padres. A democracia nada perdeu com esta traição, Roma tambem nada ganhou.

Da Simonia.

I.

« Se se der um Sacramento ou qualquer cousa santa por um prazer impudico a titulo de recompensa e não como puro donativo, ha simonia e sacrilegio ; neste caso está um homem que desse um beneficio a um irmão, como paga da impudicicia commettida com a irmã , porém

se depois de ter mantido relações com a irmã der o beneficio ao irmão como signal de gratidão, quando muito, ha apenas uma especie de *irreverencia.* »

(Vicente Feliucios. Questions morales. t. II, ch VII p. 613)

II.

Segundo o padre Arsdekin, jesuita sueco, a simonia e a *astrologia são cousas permittidas.* »

(Theologie tripartite, 1744, tom. II. traité 5. ch. XII.)

III.

« Não se deve comprar um beneficio com dinheiro, mas póde-se dizer : *se me concedeis tal beneficio serei reconhecido.* Para evitar a simonia e cumprir a promessa tem-se a attenção de a nada se obrigar interiormente. Tambem não ha simonia nesta convenção : *dae-me o vosso voto para que eu seja provincial, e eu votarei em vós para que sejaes prior ;* porque o pacto e permutação a respeito das cousas espirituaes não são prohibidas senão em materia de lucro. »

(Claude Lacroix, jesuita, Commentaires de Busembaum.)

Do probabilismo.

I.

« O leligioso que tem por si uma opinião provavel não é obrigado a obedecer ao seu superior, posto que a opinião do superior seja a mais provavel, porque neste caso é permittido ao religioso adoptar a que lhe for mais agradavel, ainda que a ordem do superior seja justa não obriga a obedecer-lhe, porque não é justa em todos os pontos e de todos os modos ; mas apenas *provavel* e assim não se é obrigado senão *provavelmente* a obedecer-lhe, porque tambem se fica provavelmente desobrigado. »

(Castro, jesuita.)

II.

« A doutrina do probabilismo ensina-nos que podemos com toda a segurança de consciencia sugeitarmo-nos em todos os caso á decisão de muitos ou mesmo de um só doutor grave e que a sua authoridade é valida para nos decidir a abraçar uma opinião á qual o seu parecer dá assim uma sufficiente probabilidade, posto que a opinião contraria possa ser ao mesmo tempo a mais provavel e a mais segura. »

(Pedro Nicole.)

III.

« E' permittido a um confessor seguir a opinião provavel do penitente e pôr de parte a sua, isto mesmo quando a opinião do penitente causar detrimento a outrem, como por exemplo, se se tratasse de não resituir.

(N. Baldel, Disputes sur la theologie morale, liv. IV, pag. 402).

Do dogma religioso

I.

« E' difficil determinar o momento preciso em que o principio do amor de Deus obriga rigorosamente».

(João de Cardenas. Crises theologiques, pag. 241).

II.

Claudio Aquaviva, quinto geral dos jesuitas oppoz-se á bulla de Paulo V contra a doutrina de Molina dizendo ao pontifice: « Que se fizesse semelhante affronta á sociedade não lhe segurava que dez mil jesuitas não espalhassem *invectivas* e *injurias* contra a santa Sé.

« Pergunta: que veremos no paraiso? — R. « Veremos a sacratissima humanidade de Jesus

« Christo, o adoravel corpo da virgem Maria e « os dos outros santos sem fallar de mil e mil « outras bellezas —Pergunta. Os nossos outros « sentidos funccionarão como lhes é proprio ? « —R. Sim ; e o que mais é para admirar é que « funccionarão sem se embotarem. P.—Pois que « o ouvido, o olfacto, o gosto e o tacto rece- « berão impressões ? R. — Sim, o ouvido será « encantado com a doçura do som e da harmonia; « o olfacto receberá o prazer dos cheiros e dos « perfumes ; o gosto o dos sabores; finalmente « nada faltará de tudo que é capaz de deleitar o « tacto.—P.—Se se falla no paraiso qual será a « lingua adoptada ? R.—E' verosimil que seja a « lingua hebraica, que foi a que Deus ensinou ao « primeiro homem e que Jesus Christo fallou. « Com tudo poder-se-ha fallar em qualquer, « idioma, pois que não ha nenhum que os bem- « aventurados não comprehendam.—P.—Quaes « são os vestidos usados pelos bemaventurados? « — R.—Os seus vestidos serão de gloria e de « luz, que brilhará de todas as partes do corpo « e especialmente das que mais tiverem soffrido « por Deus.»

(G. Pomey, jesuita, Cathecisme theologique, Lyon 1675).

IV.

O padre Hardouin pretendeu que a Eneida e as odes de Horacio foram compostas pelos monges do XV seculo. Segundo elle Eneas é Jesus Christo, Lalage, a amante de Horacio, representa a religião christã. Elle pensa tambem que todos os concilios anteriores ao de Trento são suppostos.

V.

A religião christã é evidentemente verosimil, mas não é evidentemente verdadeira ; porque ensina obscuramente ou ensina cousas obscuras ; e demais os que pretendem que a religião christã é evidentemente verdadeira, são forçados a confessar que ella é evidentemente falsa. Conclui que não é evidente que haja sobre a terra alguma religião verdadeira ; porque, por onde sabeis que de todas as religiões que ha na terra sómente a christã é verdadeira ? Já percorresteis todos os paizes ? Os prophetas foram inspirados por Deus ? e se eu vos disser que elles não prophetisaram... Se eu sustentar que

os milagres attriuidos a Jesus Christo não são verdadeiros. »

(These philosophique des Jesuites de Caen, soutenue au college royal de Bourbon.)

Qual seria o homem que ousaria ir tão longe na duvida e na impiedade?....

VI.

O sentimento de amar a Deus, não é obrigatorio.

(Padre Sirmond, jesuita.)

VII.

Em um exorcismo feito em Pariz, pelo padre Coton, confessor de Henrique IV, foi perguntado ao diabo, se a serpente antes de seduzir Eva tinha patas.

Nós acreditamos que todas as pretendidas simplicidades dos bons padres eram calculadas; entra na sua politica fazer acreditar umas vezes que são terriveis, outras que nada podem; e com effeito que se podia temer de uma ordem que escrevia que as bemaventuradas tinham no céo vestidos com anquinhas, ou que discutiam se a serpente tinha ou não patas.

VIII.

« Um homem que communga indignamente é obrigado a coumungar segunda vez ?— Respondo, que não é obrigado, porque cumprio toda a obrigação que lhe impõem os mandamentos da igreja. A lei que ordena a communhão não obriga senão á substancia do acto, e a communhão sacrilega é *sufficiente.* »

(Georges Gobat.—Œuvres morales. Douai, 1700. t. 1° p. 253.)

IX.

« Um filho que no estado de embriaguez mata seu pae, *póde folgar com o homicidio que commetteu*, por causa da herança que vae receber ; como se suppõe que este parricidio não foi premeditado e que além disto lhe deu em resultado grandes riquezas, objecto que *é bom* ou pelo menos não é com certeza máo, segue-se que esta doutrina não é irreprehensivel. »

(Idem t. 2° p. 228.)

X.

« Além do purgatorio, que todo o mundo conhece, diz Lacroix : segundo Bellarmin e

Guimenius, ha um outro logar, que é uma bella campina coberta de toda a especie de flôres, que exhalam um cheiro delicioso, sitio encantador onde as almas não soffrem as penas dos sentidos. Este logar é para os que têm culpas leves, um purgatorio mitigado, uma prisão senatoria, onde se póde estar sem deshonra. »

Os que para lá forem não hão de estar muito mal ; o quanto ao outro purgatorio ninguem, segundo estes padres, ahi se demora mais do que dez annos; resta accrescentar, que conforme a sua doutrina todos os peccados são veniaes ; o que deve desvanecer todo o receio do inferno.

XI.

« Maria preferia antes ser eternamente condemnada ás penas do inferno, privada da vista de seu filho e a ver os demonios, do que ter sido concebida em peccado original.

(Padre Oquette, sermão prégado em Alcalá em 1600.)

XII.

Nicoláo Orlandini, jesuita assegura, que Santo Ignacio vio a alma de um de seus com-

panheiros que subio ao céo, e que esta alma tendo parado lhe predisse que todo o christão *que usasse do habito de jesuita teria o privilegio de entrar de direito no Céo.*

XIII.

Antonio Sirmon, jesuita, morto em 1643, disse na sua *defeza da virtude*, que é permittido a qualquer obrar por temor e por esperança. »

XIV.

« Se matardes Pedro defendendo-vos legitimamente, podeis jurar diante do juiz, que o não matasteis subentendendo *injustamente.*

« Se fordes negociante e se as vossas fazendas forem taxadas em um preço mui baixo, podeis servir-vos de pesos falsificados e em consciencia negar com juramento diante do juiz que vos tenhaes servido de pesos falsificados, subentendendo em *detrimento do comprador.* »

(Padre Gobat, Œuvres morales t. II p. 319.)

———

Parodia do paraiso de Mahomet.

PELO PADRE HENRIQUES.

Henriques no seu livro ridiculo sobre a occupação dos santos no céo assegura :

I.

(Cap. 73). Que todos os homens e mulheres folgarão em festins, mascaradas e bailes. »

II.

(Cap. 74). Que os anjos se vestirão de mulheres e que apparecerão aos santos com ricos trajes de damas, com os cabellos frisados, com saias de anquinhas e camisas de cassa. »

III.

(Cap. 58). Que cada bemaventurado terá no Céo a sua habitação particular e que Jesus Christo habitará um magnifico palacio; que haverão ruas largas, bellas e grandes praças publicas, castellos e cidadellas. »

IV.

Cap. 22). Que o soberano prazer consistirá em beijar e abraçar os corpos das bemaventu-

radas, que ellas tomarão banhos e que cantarão como rouxinoes. »

V.

(Cap. 65). Que as mulheres terão bellos e longos cabellos, que se enfeitarão, com fitas, que terão vestidos e toucados á moda como cá na terra. »

Isto, porém, não passa de uma loucura e de bom grado perdoariamos aos jesuitas, se suas obras não tivessem outras paginas ; entretanto o padre Henriques não ridicularisou mais as cousas santas do que o proprio Voltaire ?

Decidam os nossos leitores. Foi por conselho dos jesuitas que em treves se fez a exposição da famosa tunica de Jesus Christo, foi por seu conselho, que Affre exhibe em *Notre Dame* um cravo, que sem render tanto como a tunica tem entretanto coberto as primeiras despezas.

Da morte subita de alguns papas, oppostos aos jesuitas.

I.

Sixto V foi arrebatado por uma morte prematura (immatura morte præcepto), na occasião em que hia sujeitar os jesuitas á reforma de seu instituto.

II.

Igual sorte tocou a Clemente VIII, a sua morte prognosticada pelo padre Bellarmin, realisou-se justamente no momento em que ia condemnar a doutrina de Molina sustentada pelos jesuitas.

III.

Innocencio XIII morreu subitamente, quando meditava os meios de abolir a sociedade.

IV.

Clemente XIV morreu depois de ter dissolvido os jesuitas.

E' de notar que estas differentes mortes e muitas outras semelhantes de bispos e cardeaes pouco affeiçoados aos jesuitas e sempre falle-

cidos a proposito para a companhia, contribuiram muito para se nutrirem suspeitas sinistras.

———

O jesuita Pedro Jarrige, tendo escripto contra a sociedade um livro intitulado o *Jesuita sobre o cadafalso*, os *reverendos padres* prenderam-o e forçaram-o á fazer uma retractação; depois o padre Jarrige desappareceu, por effeito de um crime que ficou impune.

Melchior Inchofer, jesuita, tendo sido disignado como autor do livro intitulado *Monarchie des Solipses*, foi arrebatado de Roma e sómente os rogos do papa lhe poderam restituir a liberdade. O padre Scotti verdadeiro autor do livro escapou com difficuldade ao punhal e ao veneno.

———

Estatistica curiosa.

———

DESDE 1540.

As doutrinas perniciosas tem sido sustentadas pelos jesuitas do modo seguinte.

1.° O *probabilismo* foi sustentado por 54

escriptores jesuitas desde Henriques em 1600, até Lacroix, em 1757.

2.º O *peccado philosophico* e *a consciencia erronea* foram sustentadas por 42 jesuitas desde Salas em 1607 até 1761.

3.º A *simonia* e a *confidencia* por 15, desde Manoel de Sá, em 1590 até Trachala, em 1759.

4.º A *irreligião* por 88, desde Salas em 1607 até Trachala em 1757.

5.º A *impudicicia* por 18, desde Sá em 1590 até Flegeli em 1750, Busembaum e Trachala em 1757 e 1759.

6.º O *perjurio*, o *falso testemunho* por 30, desde Manoel de Sá e Tollet em 1590 e 1601, até Reuter em 1788 e Antoine em 1761.

7.º O *roubo* por 35, desde Sá e Tollet em 1601 até Antoine em 1761.

8.º O *homicidio* por 37, desde Sá e Henriques em 1600 até Antoine em 1761.

9. O *regicidio* e o crime de *leza-magestade* tem sido sustentados por SETENTA E DOUS JESUITAS!! desde Manoel de Sá, Delrio e Philopater em 1590 e 1593 até Mattos e Alexandre em 1759.

10. A *compensação occulta* por 35, desde Tollet em 1601 até Antoine em 1761.

Historia moderna pelos jesuitas.

I.

Volta da Ilha d'Elba.

« No dia seguinte ao 20 de março o usurpador apresentou-se ás portas da capital; foi então que com horror se ouviram gritos de viva o imperador, e outros que pareciam sahir da bocca dos demonios, como viva o inferno! abaixo o paraiso! Tal era o aspecto dos partidistas de Bonaparte ; taes foram as provas da sua alegria »

(Padre Loriguet, jesuita, Histoire de France pour l'education des enfans.)

II.

Waterloo.

« Correu muito sangue mas o resultado foi *glorioso para os alliados*... O memoravel dia 18 terminou de modo o *mais feliz* a lucta per-

tinaz e sanguinolenta que durava desde o dia 15... A audacia do usurpador que era augmentada pelo receio de um revez irreparavel, a raiva feroz de seus cumplices, tudo cedeu ao genio do duque de Wellington... O exercito de Bonaparte foi vencido e quasi totalmente aniquilado !... Os Russos e os Austriacos passaram a fronteira... O inimigo foi perseguido em todas as direcções.. Dezeseis regimentos de cavallaria prussiana picaram a retaguarda do exercito francez e não lhe deram um momento de descanço.

(Padre F. Guizot, jesuita (1)
Histoire de France, p. 82.)

III.

« Depois da juncção de Blucher, Bonaparte perdeu a cabeça, abandonou o exercito e desappareceu.

Nesta situação um corpo da guarda imperial distinguiu-se por um acto de desesperação dos quaes a historia offerece poucos exemplos. Cer-

---

(1) Padre Guizot é o, segundo dizem, parente de M. Guizot ministro dos negocios estrangeiros.

cado de todos os lados e debaixo do fogo da metralha ingleza foi-lhe proposto o renderem-se.— *A guarda morre, mas não se rende!* tal foi a sua resposta e immediatamente estes furiosos voltaram-se uns contra os outros e mataram-se á vista dos inglezes que na presença deste horrivel espectaculo ficaram perfeitamente surprehendidos. »

(Padre Longuet, Histoire de Fance.)

IV.

Restauração

« A 8 de Julho, Luiz, o desejado, entrou na sua capital no meio das mais vivas acclamações, entretanto que o tyranno e seus cumplices se occultavam ou fugiam como mochos ao romper do sol!

(Idem)

V.

Foi tambem um jesuita, quem disse, que o rei Luiz XVIII fôra elevado ao throno em 1795 e que em 1815 tinha desterrado para Santa Helena o marquez de Bonaparte, major general do seus exercitos pelo crime de insubordinação.

Confissões dos jesuitas

I.

« Accusam-nos de sermos orgulhosos, de querermos que todos os negocios passem por nossas mãos e dependam de nós... Posto que estas accusações sejam infundadas não devemos deixar de nos conduzirmos de modo que o mundo nunca nos possa fazer semelhantes arguições. »

(Epit. de Mutio Witelleschi, G. dos jesuitas.)

II.

Marianna convem em que a companhia de Jesus está *gangrenada*. Elle a julga perdida por seus crimes, se Deos a não sustiver cortando profundamente.

III.

Jeronymo Fioraventi dizia : « Confesso com dôr que tudo o que se acha escripto no livro de Marianna não soffre a menor controversia e que a sociedade de Jesus tem uma absoluta necessidade de uma reforma geral. »

elles contam os meus dias contra os quaes já uma vez attentaram; tenho provas do que avanço, e são ellas as cicatrizes das suas feridas. E' necessario não os irritar muito, não os levar a extremos. Eu consinto pois em que elles voltem, *porém muito contra minha vontade e por necessidade.* »

(Henrique IV)

V.

« Todo o homem do povo pode, no caso de não haver outro remedio, matar aquelle que invadir tyrannicamente o poder; porque é um inimigo publico. »

(Manoel de Sá, jesuita.)

VI.

« Não ha duvida, exclama o jesuita André Delrio, que é permittido a todo o homem matar um tyranno que se tenha apossado do soberano poder se d'outra maneira se não poder fazer cessar a tyrannia. »

O poder dos papas e dos jesuitas

I.

« O papa pode admoestar os reis e puni-los com a morte. »

(P. Santarel, Du pape, 1625 c. 30. p. 296.)

II.

« Um homem proscripto pelo papa pode ser morto em qualquer parte, porque o papa tem uma jurisdicção *pelo menos indirecta em todo o mundo*, mesmo no temporal. »

(Busembaum)

III.

« Não é cousa singular o ver homens que fazem profissão de serem religiosos, (os jesuitas) aos quaes nunca fiz mal, nem tenho vontade disso e que attentam quotidianamente contra a minha vida? !

(Mem. de Sully t. 1.— Carta de Henrique IV.)

IV.

« Sois de parecer de que voltem os jesuitas, mas podeis garantir a minha vida ? Eu sei que

☞ Os confrades formam associações secretas, com filiações mysteriosas. Ajudados por estas associações tratam os jesuitas de dominar a opinião publica ; e deste modo que elles envolvem com a sua funesta influencia os interesses do Estado e os dos particulares os mais obscuros, no coração dos quaes tem sempre o cuidado de despertarem desejos ambiciosos que os discipulos de Loyola se não descuidam de satisfazer, com tanto que os seus doceis proselitos se submettam cegamente á insufficiente *moral dos interesses.*

Escobarderias

I.

« E' permittido praticar o acto conjugal antes da benção nupcial ? »

Sanches, Navarro e outros jesuitas dizem que *sim.*

II.

As amphibologias são permittidas, quando houver um justo motivo para se servirem dellas.

(Sanches)

Espiões confrades

(Revelações secretas)

☞ Os jesuitas de sotaina curta são os espiões da sociedade de Loyola, são elles jesuitas seculares espalhados por toda a sociedade e cujo numero augmenta de dia para dia de um modo extraordinario ; multiplicam-se como os insectos no estio ; a reproducção opera-se por meio de certas confrarias taes como a archiconfraria do *coração de Jesus*, estas congregações formam uma *franc-maçonaria jesuitica*. Os confrades reunem-se em especies de *clubs* mais ou menos secretos a respeito dos quaes os governos inhabeis ou imprudentes, ou mesmo obsecados por o espirito de partido fecham os olhos com indulgencia ; não comprehendem que os confrades chegarão um dia a embaraçar a acção da authoridade, sugeitando á sua dependencia muitos agentes do poder. Ali poem-se em almoeda os empregos e á custa de baixezas e de intrigas alcançam-se logares lucrativos e de representação. Ali se formam listas de eleição, é d'ali que partem as influencias para um ministro ser nomeado ou demittido.

III.

Perguntaes se sois obrigado á restituição no caso de terdes ajudado a alguem a commetter um roubo com mais certeza e facilidade ? *Respondo negativamente com probabilidade* : quando mesmo tivesseis sustentado a escada ao ladrão para commetter o roubo, ou que obedecendo ao vosso amo que vo-lo ordenava, prestasseis os vossos serviços para conduzirdes uma caixa por elle roubada, dado mesmo o caso de elle a poder trazer sem os vossos serviços.

(Trachala, jesuita, de la régle du confesseur 1759.)

IV.

O padre Lessius pensa que um religioso que em vez de fugir matar o individuo que o atacar, não pecca contra a justiça, porque não é obrigado a fugir.

V.

E' permittido matar á traição um proscripto.

(Escobar t. IV p. 178)

Testemunhos historicos

OU

PEÇAS JUSTIFICATIVAS

CONTRA A

SOCIEDADE DOS JESUITAS

I.

« Vede, senhor ; desta camara governo não « só Paris mas a China ; não só a China mas « todo o mundo, sem que ninguem saiba como « isto se faz. »

(O geral dos Jesuitas Tamburini.)

Com effeito os jesuitas como não são por seus *institutos* subditos de algum rei, o seu geral julga-se ser o primeiro do mundo. Em 1773 haviam 22000 jesuitas, hoje contam-se 46500 ; e ainda ha pessoas que dizem : *onde estão os jesuitas ? Oculi habent ; sed non videbunt.*

II.

Opinião do papa Clemente VIII — 1592

— « A curiosidade leva os jesuitas a entre- « metterem-se em tudo especialmente por via

« dos confessionarios para saberem do penitente « o que se passa em sua casa entre seus filhos, « seus domesticos e outras pessoas que nella « habitem ou vão, e mesmo no quarteirão. Se « confessam um principe apoderam-se do go- « verno de toda a sua casa; querem mesmo « governar os seus estados fazendo-lhe acreditar « que nada hirá bem sem os seus cuidados e « industria. »

Não é um philosopho quem julga os jesuitas, é o chefe da igreja; agora vamos ve-los julgados pelo seu terceiro Geral, Francisco Borgia.

III.

« Não tardará o tempo em que a companhia « dos jesuitas occupar-se-ha toda das sciencias « humanas, mas sem alguma applicação á vir- « tude, a ambição a dominará; a soberba e o « orgulho terão n'ella entrada com muita ra- » pidez. Ninguem a poderá reprimir. O espirito « dos nossos confrades é dominado por uma pai- « xão sem limites pelos bens temporaes; tratam « de os adquirir com mais furor ainda do que os « seculares !...

Eis ahi mais um vaticinio não de Voltaire nem mesmo de M. Michelet, mas sim de Jeronymo de Lanuza bispo de Albarazin, fallando dos jesuitas.

IV.

« Elles usurparão as esmolas dos pobres, dos « miseraveis e dos enfermos; elles attrahiram « sobre si o odio da populaça... Elles manteram « relações com as mulheres e ensinar-lhes-hão « a enganar os seus maridos e a dar-lhes os « seus bens em segredo ».

V.

« Ha muito tempo que a sociedade (dos je- « suitas) tem estado em perigo imminente de « uma subita decadencia, porque tem em si « muito más cabeças e pessimas maximas.»

(Carta de St. Charles de 15 de Abril 1759 a M. Speciaux).

VI.

« Não tem havido ordem religiosa mais preju- « dicial á igreja universal, e que tantas pertur- « bações tenha causado nas provincias christãs, « etc.

(O bemaventurado Palafox ao papa Innocencio X).

VII.

« Elles tem sido falsos sabios que ligam a ini-
« quidade com a justiça, as trevas com a luz,
« porque não ha alguma força de razão nem
« peso de authoridade que possa desarmar o fu-
« ror destes individuos que trabalham como
« desesperados ».

(Carta do cardeal de Tournon ao vigario apostolico).

VIII.

Lê-se na sentença dada pelo parlamento em 1662 o seguinte:

« O instituto dos jesuitas é inadmissivel por
« sua natureza em todo o estado policiado, como
« contrario ao direito natural attentatorio con-
« tra toda a authoridade espiritual e temporal e
« com tendencias de introduzir com a capa de
« um instituto religioso um corpo politico cuja
« essencia consiste em uma continua actividade
« para chegar por toda a casta de meios directos
« ou indirectos, occultos ou publicos, em pri-
« meiro logar a uma independencia absoluta, e
« successivamente á usurpação de toda a autho-
« ridade.

IX.

A sentença de 1762 contem tambem a passagem seguinte sobre a moral dos jesuitas:—« A « moral pratica da sociedade dos jesuitas é *perversa*, destructiva de todo o principio religioso « e mesmo da *probidade*, injuriosa á moral « christã, perniciosa á sociedade civil, sediciosa, « attentatoria contra os direitos e natureza do « poder real e mesmo contra a segurança da « pessoa sagrada dos soberanos, e obediencia « dos subditos, propria para excitar os maiores « disturbios nos estados e para criar e entreter « a mais profunda corrupção no coração dos « homens ».

X.

Em resposta a um breve do papa Clemente XIII, Carlos III, rei da Hespanha, exprimia-se assim a respeito dos jesuitas—« Posso asseverar « a vossa santidade que tenho provas as mais « convincentes da necessidade de expulsar dos « meus estados a companhia inteira e não só- « mente alguns individuos della ; eu o repito a « vosssa santidade e de novo o asseguro e para « sua consolação peço a Deus que lhe inspire o « acreditar-me ».

XI.

Quando Clemente XIV assignou a bulla da extincção dos jesuitas estava sentado á sua banca e disse em presença de uma pessoa distincta pelo seu merito e posição :

« Está feita com effeito a suppressão, não me « arrependo ; eu sómente me decidi depois de « ter examinado e pezado tudo bem e porque « a julguei necessaria e util para igreja ; daria « ainda agora este passo se já não estivesse « dado ; MA QUESTA SOPPRESSIONE MI DARE LA « MORTE, (mas esta suppressão causará a minha « morte) ».

XII.

Ninguem sabia explicar um pasquim que appareceu no palacio do Santo Padre e que continha estas cinco letras.—I. S. S. S. V.— Clemente XIV decifrou-o do modo seguinte: *In settembre sará sede vacante* (em setembro estará vaga a santa séde).—Clemente XIV morreu devorado por um calor immenso na garganta, estomago e intestinos depois de ter soffrido horriveis colicas; no momento do fallecimento o seu

corpo cobriu-se de manchas negras e desfazia-se aos bocados.

Já por duas vezes tinham havido tentativas de envenenamento, uma no mez de Abril e outra no fim de Junho de 1774.

XIII.

Os jesuitas fazem voto de pobreza!!! — « Eu « encontrei no poder dos jesuitas quasi todas as « riquezas, todos os fundos e toda a opulencia « da America meridional; elles não cessam de « augmentar os seus bens pela industria de seu « trafico, que chega a ponto de terem mercados « de gado, açougues e loges para o commercio o mais vil... »

(Carta de D. Palafox a Innocencio X.)

XIV.

« Os jesuitas são corruptores politicos de todo « o governo, lisongeiros dos grandes e de suas « paixões, e promotores do despotismo; para « abafarem a razão e apoderarem-se da autori- « dade são inimigos dos reis que se oppoem a « seus designios obliquos, e calumniadores de « todos que amam sinceramente o principe e o « Estado; poem um sceptro de ferro nas mãos

« dos reis, e o punhal nas dos subditos; aconse-
« lham a tyrannia e ensinam o tyrannicidio;
« ligam em seu proveito a intolerancia a mais
« cruel com uma indifferença escandalosa para
« com a religião e a moral; permittem todos os
« crimes e não perdoam disputas sobre palavras
« em materias pouco intelligiveis, servem a ido-
« latria que os considere, e perseguem o catho-
« licismo que lhes recuse a sua confiança. Uma
« questão theologica é na Europa um negocio
« de estado, entretanto que as superstições ma-
« labares e o culto de Confucius são permittidas
« na Asia. »

(M. de Montclair Compte rendu de l'institut des jesuites, note 61.)

XV.

Benedicto XIV, por uma bulla de 20 de Dezembro de 1761, prohibe aos jesuitas « o ousa-
« rem para o futuro o escravisarem os indios do
« Paraguay, vendê-los ou compra-los, sepa-
« ra-los de suas mulheres e de seus filhos, e
« despoja-los de seus bens e effeitos, etc. »

XVI.

O padre Lachaise poucos dias antes da sua morte dizia a Luiz XIV: — « Senhor, peço-vos a

« graça de escolherdes um confessor na nossa « companhia, que é muito affeiçoada a V. Ma- « gestade, porém é muito numerosa e composta « de caracteres muito differentes e muito apai- « xonados pela gloria da corporação. Em uma « desgraça não se pode responder por ella *e um « mau passo depressa se dá.* » Estas palavras fizeram impressão no rei, e communicou-as a Marechal, seu primeiro cirurgião, o qual as referio a Blouin, primeiro guarda-roupa, e a Baldove, primeiro boticario, seus intimos amigos, da bocca dos quaes na minha mocidade soube muitas anecdotas.

(Memoires de Duclos, t. 1 p. 134.)

XVII.

O papa Innocencio XIII arguio os jesuitas de terem sido em Pekin os promotores e sollicitadores da prisão dos missionarios, declarando que por um inaudito escandalo fizeram as funcções de belegins para os prenderem, e de carcereiros para os guardarem, sobre tudo a respeito de MM. Pedimi, Appeani, Guigues, missionarios italianos e francezes.

(T. 5.º des anecdotes sur la Chine, pag. 260.)

XVIII.

« Eu pergunto se é honesto constituir os re-
« ligiosos espiões por dever uns dos outros,
« acostumar as almas meigas e faceis á dissi-
« mulação e á mentira? Isto é corromper o co-
« ração, é degradar o espirito, é tirar aos ho-
« mens todos os sentimentos de honra, todos os
« motivos de emulação; é envilecer a humani-
« dade com o pretexto de a aperfeiçoar. E que
« uso não póde fazer um superior ambicioso e
« criminoso de similhantes instrumentos, occu-
« pados continuamente em se observarem e por
« consequencia a trahirem-se? E fazem-lhes
« acreditar que é para seu *bem*, isto é o cumulo
« do fanatismo. »

(La Chalotais, Compte-rendu des constitutions des jesuites, p. 171, edit. in 12.)

XIX.

« Parece que á sociedade dos jesuitas tem o
« poder de obscurecer o sol, e de tornar á sua
« vontade os homens surdos e cegos. »

(Monclair, Compte-rendu, p. 64.)

XX.

« O Geral é o verdadeiro papa da companhia « de Jesus, e o plano deste instituto destructivo « de toda a autoridade e de todo o governo « tende a concentrar tudo na companhia. Esta « sociedade ambiciosa é uma nação, uma po- « tencia á parte, que germina no seio de todas « as outras, que altera a sua substancia e que « cresce sobre as suas ruinas. »

(Rignet, membro do parlamento de Toulouse)

XXI.

« Que outra religião tem constituições secre- « tas, privilegios que se não querem declarar e « regras occultas?... A igreja não aborrece a « luz, pelo contrario, é ás trevas que tem aver- « são... e logo que se deseje podem vêr-se os « privilegios, as instrucções, os estatutos e as « regras de conducta de outros religiosos. En- « tre os jesuitas ha religiosos, mesmo religiosos « professos, que ignoram as constituições, os « privilegios e as regras proprias da companhia, « posto que se submettam e obriguem a se-

« gui-las, mui poucos tem conhecimento dellas,
« e isto pode Vossa Santidade verificar, se qui-
« zer dar-se ao trabalho de se informar a tal
« respeito. Os seus superiores dirigem-os com
« regras delles só sabidas. »

(D. Palafox, bispo de Osma, a Innocencio X.

Dando por terminadas estas numerosissimas citações, depomos a penna com prazer; é com effeito doloroso ter de transcrever taes maximas, mesmo para as estigmatisar. Muitas vezes julgamos termo-nos enganado e julgamos recopiar não o pensamento de um membro de uma sociedade religiosa, mas sim as memorias cynicas de um bandido. Custa-nos a comprehender que se encontrem homens tão miseraveis que desculpem o *parricidio*, o *roubo* e o *homicidio*, e todos os *vicios*, que lisongeiem o despotismo e afiem os punhaes contra os reis.

Ha tres seculos que um espirito de vertigem domina a *companhia de Jesus;* se as suas abominaveis doutrinas não causassem horror ao mundo, se elles mesmo não fossem impellidos a confessa-las, ¿quem póde predizer o que seriamos

hoje? quem sabe se por toda a parte não pertenceria o poder a essa ordem que o seculo XIX terá a gloria de destruir para sempre?

GEORGES DAIRNVŒLL.

A camara dos deputados nas sessões de 2 e 3 de Maio approvou a expulsão dos jesuitas, confiando-se na execução das leis e na boa vontade do governo.

FIM.

TYPOGRAPHIA DE JOAQUIM LOBO VIANNA. — 79 Rua d'Ajuda 79

008200